

## CERRADO E VEREDA: DESIGNAÇÃO, SENTIDO E MUDANÇA SEMÂNTICA

### CERRADO AND VEREDA: DESIGNATION, MEANING AND SEMANTIC CHANGE

*Daniel Marra\**

Instituto Federal do Tocantins, Palmas, TO, Brasil

**Resumo:** Este artigo mostra como a metáfora e a metonímia são abundantes e operantes nos processos de criação lexical e de mudança semântica. Para tanto, elegeram-se, para a análise, as unidades lexicais *Cerrado* e *Vereda*, vocábulos que designam, respectivamente, o segundo maior bioma brasileiro e um de seus subsistemas. Aborda-se essa questão do ponto de vista da teoria semântica em sua face diacrônica, bem como da teoria lexical e da etimologia. A análise mostra que os sentidos desses vocábulos se instanciaram por meio de processos metafóricos e metonímicos e que sofreram mudança de sentido em diferentes sincronias pretéritas. Evidencia-se, finalmente, que tanto a criação de um item lexical quanto a sua mudança de sentido envolvem objetivos pragmáticos, como a necessidade dos utentes de expressão de um novo sentido relacionado a uma dada realidade no mundo empírico.

**Palavras-chave:** Mudança Semântica; Metáfora/Metonímia; Léxico; Cerrado; Vereda.

**Abstract:** *This article shows how metaphor and metonymy are plentiful and operative in the process of lexical creation and semantic change. For this, the lexical units Cerrado and Vereda – words that label, respectively, the second most important Brazilian ecosystem and one of its subsystems – were chosen for analysis. The analysis met the semantic theory in its diachronic approach, as well as the lexical theory and etymology's points of view. Those lexical units can be analyzed as having been created by metaphor and metonymy, in addition to having undergone semantic change in different past synchronies. Finally, it is argued that both the creation of a lexical item and its change of meaning involve pragmatic objectives, such as the need for users to express a new meaning related to a certain reality in the empirical world.*

**Keywords:** *Semantic Change; Metaphor/Metonymy; Lexicon; Cerrado; Vereda.*

---

\* Doutor do Instituto Federal do Tocantins – IFTO, Palmas, TO, Brasil; *Visiting Scholar, The University of Sydney, Australia*; danielmarra@ifto.edu.br

## Introdução

Cerrado e Vereda designam, respectivamente, o segundo maior bioma brasileiro e um de seus subsistemas mais importantes. Essas duas unidades lexicais fornecem a materialidade linguística para a análise neste artigo, que evidencia o processo pelo qual o sentido se instancia na formação de palavras e como a mudança semântica nelas se instaura subsequentemente. Apresenta-se, para tanto, os significados metalexigráficos desses dois vocábulos, enfocando seus conteúdos semânticos através da recorrência a seus étimos, às mudanças de sentidos em sincronias pretéritas e na sincronia atual. Notadamente, motivações metafórica e metonímica foram responsáveis pela instauração dos sentidos desses vocábulos e por suas subsequentes mudanças semânticas.

A abordagem adotada neste artigo põe em destaque a mudança semântica como um processo decorrente de causas externas à língua. Nesse sentido, um uso linguístico especializado, restrito a determinado grupo linguístico, generaliza-se quando é adotado por outros grupos linguísticos. Nesse processo, perde-se, geralmente, a ideia etimológica da palavra, que ganha, no novo grupo, um sentido menos específico em relação ao seu étimo, às vezes sem relação nenhuma com a ideia original. Os vocábulos em destaque neste estudo deixam-se analisar como tendo seus sentidos constituídos por metáfora (Cerrado) ou por metáfora e metonímia (Vereda), embora tais ideias já não sejam percebidas sem que se recorra a seus étimos e a suas mudanças de sentido em sincronias pretéritas.

O ponto de vista expresso acima encontra respaldo teórico em um dos estudos pioneiros sobre a mudança semântica, Meillet (1905-1906). Além desse, informam teoricamente este estudo, fundamentalmente, as abordagens semântico-estrutural de Coseriu (1985) e semântico-cognitiva de Lakoff e Johnson (1980), Lakoff (1987) e Silva (2006). Evidentemente, existe teorização de outras escolas linguísticas entre os estudos de Meillet e aqueles desenvolvidos por Lakoff e Johnson. Destacam-se os estudos de Roudet (1921) e, depois, de Ullmann (1951, 1962) sobre a distinção tradicional de base psicológica entre metáfora (similaridade) e metonímia (contiguidade) e suas implicações para as mudanças semânticas; bem como, os estudos de explicação não diacrônica de Jakobson (1956).

## 1 Pressupostos teórico-metodológicos

### 1.1 Designação, significado e sentido

O linguista Eugênio Coseriu (1921-2002) desde seus primeiros escritos de linguística geral (COSERIU, 1955-1956) já formulava a tese acerca do conhecimento que o falante possui da língua, tese aprimorada e sistematicamente expressa em sua obra *Sprachkompetenz. Grundzüge der theorie des sprechens* (1988)<sup>1</sup>. Coseriu, dentre tantas coisas, discute se o saber que o falante possui da língua é um saber sobre signos ou procedimentos. Para isso, apresenta a posição de Saussure (2006[1916]), que privilegia a concepção de *langue* como um conjunto de signos, visto que as combinações de signos dentro da sentença seriam tributárias à *parole* e não à *langue*, e a de Chomsky (1965), que estabelece procedimentos e regras que permitem a produção do discurso, posição mais dinâmica. Coseriu adotaria uma postura conciliatória ao dizer que o conteúdo do saber do falante inclui necessariamente signos e procedimentos: “Nosotros tenemos que sostener que el contenido de la competencia lingüística no puede reducirse simplemente ni a signos ni a operaciones, sino que existen ambas cosas, signos y operaciones” (COSERIU, 1992[1988], p. 279).

O pensamento de Coseriu coloca em realce duas formas distintas de se abordar o conteúdo da competência linguística: ou se parte de uma concepção de língua que privilegia os signos como formas e conteúdos com suas combinações, ou se adota uma postura que considera a língua como um sistema de regras que cria orações. Evidentemente, o estudo do léxico privilegia a análise das formas e formações lexicais e o conteúdo semântico que elas expressam, abordagem que se adota neste trabalho.

Coseriu (1985) também distingue o conteúdo do saber linguístico em três níveis estruturais: designação, significado e sentido. A designação ou referência é a relação do ato linguístico com o objeto no mundo extralinguístico (relaciona-se com o saber elocucional, leis do pensamento, conhecimento das coisas, do mundo).

---

<sup>1</sup> O livro foi traduzido para o espanhol como *Competencia lingüística: elementos de la teoria del hablar* (1992).

O significado é o conteúdo linguístico, a forma particular de possibilidades de designação (relaciona-se com o saber idiomático, saber linguístico historicamente dado). O sentido é o conteúdo linguístico particular, que é expresso por meio da designação e do significado (relaciona-se com o saber expressivo, conhecimento do conteúdo linguístico). Exemplificando, uma realidade extralinguística como *vegetação típica do centro-oeste do Brasil* (designação) pode ser expressa linguisticamente através da forma particular de designação *Cerrado* (significado), que é uma das formas de designação desse objeto que existe no mundo empírico. O sentido, o nível mais abstrato, emerge da relação do significado *Cerrado* com a designação *vegetação típica do centro oeste do Brasil*, o elo entre ambos, o conteúdo linguístico particular.<sup>2</sup> As distinções coserianas fornecem as terminologias adequadas para referir-se ao objeto na realidade empírica, à forma linguística de designação desse objeto e ao conteúdo semântico que deles emerge.

## 1.2 Léxico

O léxico do português brasileiro atual é resultante de processos históricos que definiram os contornos das formas e dos sentidos de suas unidades lexicais. Uma análise detalhada de tais formas e sentidos desvelam seus traços constitutivos e narra a história de sua evolução. Nesse sentido, Rio-Torto (2014, p. 31) assinala que “em português, como em outras línguas, a estrutura interna das palavras reflete as tendências

---

<sup>2</sup> Evidentemente, essa distinção tripartite entre designação, significado e sentido encontra eco na distinção significado, sentido e referência de Gottlob Frege (1978[1892]) e também na dicotomia significado e significante de Ferdinand de Saussure (2006[1916]). As distinções saussurianas recaem em uma “associação psíquica bipolar” (GUIRRAUD, 1972, p. 22), que compreende “a forma significante e o conceito significado”. Para Saussure, somente o significante (imagem mental da coisa) e o significado (a imagem mental da forma fônica) pertencem ao sistema da língua. Nessa perspectiva, um dado linguístico representado pela forma fônica (psíquica) reclama uma coisa (ou a imagem da coisa), ou o processo contrário, em razão de uma convenção social. O posicionamento de Saussure tem o mérito de colocar em destaque o caráter psíquico do dado linguístico, mas sofre críticas por excluir do processo significativo a coisa nomeada, o objeto do mundo empírico. Nesse sentido, Frege foi mais coerente ao tratar do processo de significação. Para ele, o significado (um dado linguístico qualquer) resulta da noção de referência, o objeto no mundo, e do sentido que esse objeto carrega. Noções análogas emprega Coseriu.

históricas da língua”. Viaro *et al.* (2014, p. 60) corroboram quando dizem que “para entender como uma língua funciona é preciso mesclar dados históricos com os elementos presentes da comunicação atual entre os falantes” e que se focar apenas na sincronia atual é equívoco, “uma vez que todos sabemos que a essência das línguas é mutável diacronicamente, como se flagra no intervalo de uma vida”.

Hugo Schuchardt (1842-1927), em defesa do estudo das palavras, argumentava que pelo fato de uma língua ser um *continuum* seu estudo não poderia ocorrer de forma divorciada do tempo e do espaço. Além disso, defendia a ideia de que cada palavra tem sua história, fato que o fez dar destaque à singularidade das palavras (cf. VIARO, 2011). Seguramente, é no léxico de uma língua que se pode verificar como as formas linguísticas são criadas, mudam de forma e de sentido, revelando o dinamismo inerente à língua. Dada a relação da designação, do significado e do sentido que de ambos emerge (retomando as distinções coserianas) e dada a importância desses para atividade linguística, o nível lexical apresenta-se como o lugar por excelência da instauração da mudança semântica.

Desse modo, Villalva e Silvestre (2014, p. 23) assinalam que “o conhecimento lexical que o falante possui num dado momento pode, pois, não ser idêntico ao de um momento anterior ou posterior: trata-se de um saber cumulativo e, também, degradável”. Evidentemente, o conhecimento do léxico de uma língua não requer do falante comum o conhecimento etimológico das unidades lexicais que o compõem. Assim, Villalva e Silvestre (2014, p. 24-25) admitem “que o conhecimento de uma dada propriedade das unidades lexicais potencia o conhecimento de outra ou outras das suas propriedades”. Por isso, reivindicam um lugar de destaque aos estudos etimológicos, salvaguardando “que boa parte da etimologia do léxico das línguas está ainda por estudar”.

É notório que a aquisição do inventário lexical de uma língua pelo indivíduo falante ocorre através de sua exposição aos signos dessa língua, através da interação com falantes pertencentes à mesma comunidade que partilham de tais signos. Tais vocábulos representam para o indivíduo, no processo de aquisição, signos arbitrários e convencionais. Tais noções, embora pertençam uma longa tradição no pensamento filosófico (Platão já expressava essa preocupação em *O Crátilo*, século III a. C. [cf. Platão 1973]), ganham com William D. Whitney (1867), uma definição bastante

esclarecedora. Ao dizer que cada vocábulo representa um signo arbitrário e convencional, Whitney declarava que a arbitrariedade diz respeito ao fato de que “qualquer um dos outros milhares de vocábulos poderia ter sido tão facilmente aprendido por nós e associado com a mesma ideia”; por outro lado, dizia que a convencionalidade diz respeito ao fato de que o vocábulo que o falante adquiriu “teve o seu único fundamento e sanção no uso consentido da comunidade” de que esse indivíduo é membro (WHITNEY, 1867, p. 14 *apud* MARRA & MILANI, 2013, p. 133).

Nesse sentido, é razoável dizer que o léxico de que cada indivíduo dispõe é representativo do léxico da comunidade de fala de que ele é parte. O inventário lexical que compõe o repositório da comunidade de falantes é certamente bem mais numeroso do que o que compreende o do falante individual, pois cada falante adquire de forma particular as unidades lexicais de sua língua. Logo, a soma das unidades lexicais de que dispõem os falantes individuais são superiores ao que compreende o do plano individual. Mas todo falante pertencente a uma comunidade linguística consegue interagir com seus interlocutores de forma inteligível, pois o inventário linguístico do ser particular não se diferencia substancialmente do léxico que constitui o repositório da comunidade.

### 1.3 Mudança semântica: metáfora e metonímia

Em um estudo pioneiro sobre a mudança semântica, Meillet (1905-1906) faz uma demonstração de como o sentido das palavras depende das circunstâncias de uso e de como a mudança de sentido está intimamente relacionada com os usos que grupos linguísticos diversos fazem de determinados vocábulos. Para Meillet (1905-1906, p. 246), alguns itens lexicais têm o seu sentido alterado dependendo da natureza do grupo linguístico que os emprega, isto é, se o grupo é “mais ou menos isolado do resto da sociedade, mais ou menos fechado, mais ou menos autónomo”. Além disso, para o autor, o inventário lexical do grupo se expande e se diferencia como forma de reforço de identidade linguística, sendo o léxico o item que mais sofre os efeitos da ação dos grupos particulares sobre a língua.

Meillet, além disso, dá realce ao papel fundamental que as metáforas desempenham tanto para a criação vocabular, quanto para a mudança de sentido, visto

que as línguas são plenas de usos metafóricos. Assim, faz uma demonstração de como uma mudança de sentido se instancia em uma determinada unidade lexical:

*Arriver* (chegar), etimologicamente, significa “*aborder*” (encostar a embarcação, aportar), isto é, *ad-ripare*. Esse sentido é bem conservado, por exemplo, no português *arribar*. Porém, para um marinheiro, *aborder* significa estar ao término da viagem. Então, se da fala dos marinheiros esse termo passar à linguagem comum, ele significará simplesmente o que significa o verbo francês *arriver* (MEILLET, 1905-1906, p. 259, grifo nosso).<sup>3</sup>

Conforme a reflexão de Meillet, uma mudança de sentido se completa quando a palavra passa de um uso restrito (especializado) a determinado grupo e se generaliza em outros grupos linguísticos. Esses são dois processos fundamentais para a mudança semântica: especialização e generalização. Conforme o autor, quando o termo *aportar* ou *arribar* deixou de ser de uso restrito dos marinheiros, no sentido de conduzir a embarcação ao porto, e passou à linguagem geral, ele perdeu seu sentido etimológico e os falantes passaram a utilizá-lo com o sentido de *chegar* apenas, sem o conhecimento de que esse termo trazia em seu étimo o sentido de *conduzir a embarcação ao porto*.

Assim, embora o termo etimológico *aportar* possua um sentido metafórico, quando ele passou ao uso comum, ou se generalizou, essa ideia figurativa desapareceu, não sendo mais legítimo falar de metáfora, mas de um modo de expressão etimológica que não chega à consciência plena do falante:

Para um marinheiro que *aporta*, no sentido de chegar obviamente, o essencial é que ele chegue, naturalmente; e quando as palavras passam da língua particular à língua geral, elas passam não com o significado etimológico que perderam, mas com o valor secundário que adquiriram: a ideia de *alcançar a costa*, que, para um marinheiro, subiste obscuramente no sentido de *chegar*, é, então, eliminada

---

<sup>3</sup> *Arriver* signifie étymologiquement « *aborder* », c'est *ad-ripare*, et ce sens s'est bien maintenu par exemple dans le portugais *arribar* ; mais pour un marin, *aborder* c'est être au terme du voyage : si, de la langue des marins, le terme passe à la langue commune, il signifie simplement ce que signifie le français *arriver* (MEILLET, 1905-1906, p. 259).

mesmo sem que se perceba, porque ela já não era mais percebida (MEILLET, 1905-1906, p. 260, grifo nosso)<sup>4</sup>.

A mudança de sentido das palavras emerge nessa perspectiva da transposição de um uso restrito a um determinado grupo linguístico para um uso geral, quando a palavra perde a ideia etimológica e se reveste de um novo significado (mudança semasiológica). Nesse sentido, termos metafóricos, bastante abundantes no processo de criação lexical, não serão mais notados como tais quando deixam seus usos especializados e passam para o uso geral. No entanto, Meillet alertava que jamais se pode ignorar o fato de que as mudanças de sentido das palavras estão relacionadas com a diferenciação social que constitui as sociedades:

Estes exemplos, em que notei apenas os fatos mais importantes e mais gerais, permitem que se tenha uma ideia de como os fatos linguísticos, fatos históricos e sociais se unem, agem e reagem para transformar o sentido das palavras. Vemos que, em toda parte, o momento-chave é a passagem de uma palavra da língua geral para uma língua particular, ou o oposto, ou ambos, e que, conseqüentemente, as mudanças de sentido devem ser consideradas como tendo por condição principal a diferenciação dos elementos que constituem as sociedades (MEILLET, 1905-1906, p. 271)<sup>5</sup>.

Esse ponto de vista sociolinguístico de vanguarda de Meillet, que buscava *leis sociais* para a mudança semântica, reflete as tentativas da tradição histórico-filológica de entendimento da mudança de sentido, que reconhecia na metáfora,

---

<sup>4</sup> Pour un marin qui aborde, l'idée de rive va de soi, l'essentiel est qu'il arrive au but; et quand les mots passent de la langue spéciale à la langue commune, ils y passent non avec une valeur étymologique qu'il on perdue, mais avec la valeur secondaire qu'il ont acquise: l'idée d'arriver au rivage qui, pour un marin, subiste obscurément dans arriver est alors éliminée sans même qu'on y prenne garde, car elle n'était plus aperçue (MEILLET, 1905-1906, p. 260).

<sup>5</sup> Ces exemples, où l'on a remarqué seulement les plus gros faits et les plus généraux, permettent de se faire une idée de la manière dont les faits linguistiques, les faits historiques et les fait sociaux s'unissent, agissent et réagissent pour transformer le sens des mots; on voit que, partout, le moment essentiel est le passage d'un mot de la langue générale a une langue particulière, ou le fait inverse, ou tous les deux, et que par suite, les changements de sens doivent être considérés comme ayant pour condition principale la différenciation des éléments qui constituent les sociétés (MEILLET, 1905-1906, p. 271).



na metonímia e na polissemia um papel fundamental. No interior de uma abordagem semântica mais psicológica, destacam-se os estudos de Roudet (1921) e, depois, de Ullmann (1951, 1962) sobre a distinção tradicional de base psicológica entre metáfora (similaridade) e metonímia (contiguidade) e suas implicações para as mudanças semânticas. Também substancial é a abordagem de explicação não diacrônica de Jakobson (1956), que foca nas relações entre os signos linguísticos.

Esse apelo à metáfora e à metonímia como fundamento da semântica das línguas naturais ganhou, nas décadas finais do século XX, o apoio fundamental de Lakoff & Johnson (1980) e Lakoff (1987), que colocaram essas duas figuras no centro da Linguística Cognitiva. Para os autores, metáfora e metonímia formam sistemas coerentes através do quais se conceitua a experiência. Esses elementos tradicionalmente concebidos como figuras de retórica deram lugar nas últimas décadas a uma reconceptualização. Silva (2006), em referência ao trabalho desses autores, assinala a importância de seus estudos para a compreensão do processo cognoscitivo:

Hoje, sabemos que metáfora e metonímia são fenômenos conceptuais por natureza, processos e modelos cognitivos, constitutivos do nosso sistema conceptual, modos naturais de pensar e de falar, tanto na linguagem corrente como no discurso científico, radicados na experiência humana e responsáveis quer pela estruturação do pensamento, da linguagem e da ação, quer pela inovação conceitual (SILVA, 2006, p. 110).

Notadamente, Lakoff & Johnson (1980, p. 3) destacam a metáfora como um processo cognoscitivo fundamental para investigação científica: “a metáfora é onipresente na linguagem cotidiana, não apenas na linguagem, mas também no pensamento e na ação. O nosso sistema conceptual comum, em termos do qual pensamos e agimos, é fundamentalmente metafórico por natureza”.<sup>6</sup> Segundo esses autores, a instanciação desses processos na linguagem dá-se através da necessidade de os indivíduos expressarem conceitos abstratos do dia a dia relacionados às

---

<sup>6</sup> (...) metaphor is pervasive in everyday life, not just in language but in thought and action. Our ordinary conceptual system, in terms of which we both think and act, is fundamentally metaphorical in nature (LAKOFF & JOHNSON, 1980, p. 3).

noções de tempo, espaço, teoria científica, relações interpessoais e à vida em geral. Habitualmente, tais conceitos são verbalizados de forma metafórica.

Dubois *et al.* (2004, p. 411) lançam luz sobre a definição de metáfora dizendo que se trata de um “emprego de todo termo substituído por um outro que lhe é assimilado após a supressão das palavras que introduzem a comparação”. Ainda para esses autores, “a metáfora desempenha um grande papel na criação léxica; muitos sentidos figurados são apenas metáforas gastas”. Para Trask (2011, p. 190-191), metáfora refere-se ao “uso literal de uma forma linguística, utilizado como recurso para chamar a atenção para uma semelhança percebida”. Além disso, argumenta que a maioria das metáforas é tão familiar “que já não as percebemos como metafóricas”. Fiorin (2014) acrescenta que “a metáfora é uma concentração semântica”, isto é, um novo significado ao se formar com referência a outro significado já existente na língua assimila do antigo traços sêmicos que passarão a definir ambos:

No eixo da extensão, ela [*a metáfora*] despreza uma série de traços e leva em conta apenas alguns traços comuns a dois significados que coexistem. (...) O que estabelece uma compatibilidade entre os dois sentidos é uma similaridade, ou seja, a existência de traços comuns a ambos. A metáfora é, pois, o tropo em que se estabelece uma compatibilidade predicativa por similaridade, restringindo a extensão sêmica dos elementos coexistentes e aumentando sua tonicidade (FIORIN, 2014, p. 33, grifo nosso).

Silva (1999, p. 44-45) também destaca o papel da metáfora e da metonímia no processo de significação e sustenta que esses elementos “estão na base da extensão semântica dos itens lexicais ... e do processo de mudança semântica”. Além disso, chama a atenção para outros processos que desempenham papéis semelhantes, como o da generalização e o da especialização, processos já discutidos por Meillet (1905-1906) e mostrados acima. Silva (1999) argumenta ainda que o que difere a metáfora da metonímia é o fato de a primeira se basear numa relação de similaridade; e o da segunda, numa contiguidade. Contrastando as duas figuras, Fiorin (2014, p. 37) acrescenta que, diferentemente da metáfora, a “metonímia é uma difusão semântica”.

É certo que o fenômeno de criação lexical por metonímia se apresenta como um dos mais produtivos da língua. Ao estabelecer uma compatibilidade de sentido por proximidade a metonímia amplia o sentido das palavras num processo de transferência semântica entre elas. Desse modo, argumenta Fiorin (2014, p. 37), “no eixo da extensão, um valor semântico transfere-se a outro, num espalhamento sêmico... O que estabelece uma compatibilidade entre os dois sentidos é uma contiguidade, ou seja, uma proximidade, uma vizinhança, um contato”.

O que há em comum entre essas definições de teóricos pertencentes a diferentes escolas linguísticas e que representam a teorização semântica de cerca de três-quartos do século XX? Elas evidenciam o fato de que processos metafóricos e metonímicos desempenham importantes funções no processo de criação lexical e mostram que a mudança de sentido das palavras aparece como decorrente de causas externas à língua, mas que se relaciona com o processo cognoscitivo, com a forma de apreender o mundo pela linguagem. A análise a seguir destaca duas unidades lexicais que designam biomas do centro-oeste brasileiro e cujos sentidos fazem crer que uma delas (Cerrado) se constituiu através de metáfora e a outra passou pelos dois processos, metáfora e metonímia, em sincronias pretéritas distintas (Vereda).

## 2 Análise das unidades lexicais

### 2.1 Unidade lexical Cerrado

A unidade lexical *Cerrado* designa o segundo maior bioma brasileiro. Esse bioma é também, conforme Altair Sales Barbosa (2015), o mais antigo dos ambientes recentes do planeta Terra. Segundo esse autor, após a devastação causada pelos meteoros que extinguiram quase a totalidade dos seres vivos que aqui habitavam, as primeiras vegetações que ressurgiram no planeta originaram o que hoje constitui o Cerrado.

Consoante ao bioma Cerrado, Ribeiro e Walter (2008) argumentam que em decorrência de fatores condicionantes originaram-se subdivisões fisionômicas do Cerrado sentido restrito: o Cerrado Denso, o Cerrado Típico e o Cerrado Ralo. O Cerrado denso é um subtipo de vegetação predominantemente arbóreo.

Representa a forma mais densa e alta de Cerrado sentido restrito. O Cerrado típico é um subtipo de vegetação predominantemente arbóreo-arbustivo. Trata-se de uma forma comum e intermediária entre o Cerrado Denso e o Cerrado Ralo. O Cerrado ralo é um subtipo de vegetação constituída de árvores e arbustos. Representa a forma mais baixa e menos densa de Cerrado sentido restrito.

Ribeiro e Walter (2008, p. 160), ao conceituarem o bioma Cerrado como uma “vegetação arbustivo-arbórea que ocorre na formação savânica”, disseram que a palavra Cerrado se trata de “uma palavra de origem espanhola que significa fechado”. Os autores assinalam o uso dessa palavra por Carl Friedrich Philipp von Martius ainda no início século XIX, ao tratar das características da vegetação do Brasil Central. Essa palavra foi mencionada por Martius (1943[1824], p. 256) em passagens em que ele descreve o seu uso pelos sertanejos: “(...) a diferença mais importante é aquela que é designada pelos brasileiros como os nomes de campo limpo e campo fechado, *cerrado*”.

Esse vocábulo foi também usado por Eugenius Warning no final do século XIX (cf. WARNING 1973 [1892]). O texto de Warning foi traduzido do dinamarquês por Albert Löfgren e foi publicado em 1908. Trata-se de um estudo sobre a vegetação de Lagoa Santa, Minas Gerais. Nele, o autor utilizou tanto a expressão *campos-cerrados* quanto a forma simplificada *cerrado*. Antes disso, porém, o próprio Löfgren (1896) já havia usado o termo em um estudo sobre a distribuição vegetal no estado de São Paulo.

O sentido da unidade lexical *cerrado* radica na origem do verbo *cerrar*, da língua portuguesa, cuja definição remete aos verbos *fechar* e *vedar*. Assim, o particípio passado desse verbo é empregado quando se quer dizer que algo foi cerrado, isto é, fechado, não permitindo a passagem ou saída. Desse modo, não é legítimo afirmar que o vocábulo Cerrado originou-se do espanhol como afirmam Ribeiro e Walter (2008). O Cerrado, conforme definição apresentada, caracteriza-se pela particularidade fitofisionômica de sua vegetação arbórea. Conforme definição expressa por Ferreira (2004), o Cerrado se trata de um “campo cerrado cujas árvores se acham mais próximas umas das outras”. Infere-se que esse bioma é assim designado por se tratar de uma vegetação cujas árvores se posicionam mais proximamente umas das

outras. Em razão de seus troncos estarem mais próximos do solo, suas copas “cerram” o ambiente em que estão concentradas, dificultando a circulação e a passagem.

Certamente, embora não se possa chegar a quem tenha primeiramente empregado o significado *Cerrado* para designar um *tipo de vegetação* (embora, aparentemente, na literatura científica Martius tenha sido o primeiro a utilizar o termo, ele já era corrente na fala dos brasileiros que habitavam o Brasil Central) que se caracteriza pelos traços que o levaram a essa nomeação, essa foi certamente motivada metaforicamente. No entanto, o que se percebe é que com o passar do tempo, como ocorre com a maioria dos nomes, o significado *Cerrado* não mais suscita o sentido que o reclamou ao designar um objeto no mundo empírico. Pelo menos, o usuário da língua não faz tal reflexão metalinguística sobre a origem e motivação dos nomes, principalmente quando se trata de uma unidade lexical já cristalizada na língua como é o caso desta em análise.

Trata-se de um esquecimento necessário para que os nomes se estabeleçam e para que torne possível que se fale de *Cerrado denso ou fechado* – e o defina como um “campo cerrado cujas árvores se acham mais próximas umas das outras” – e conceitue *Cerrado ralo* – como uma vegetação “em que as árvores mantêm entre si uma distância que facilita o trânsito dos animais” (FERREIRA, 2004, p. 443). No primeiro caso, *Cerrado denso ou fechado* recobre um sentido redundante, pois cerrado, etimologicamente, significa fechado. Essa redundância de sentido é resultante desse esquecimento fundamental para a instanciação da mudança semântica e para o estabelecimento do novo sentido no aparelho conceitual dos utentes da língua. No segundo caso, *Cerrado ralo* perde contato com o sentido etimológico da terminologia que nomeia a vegetação, sendo, portanto, esse termo ressignificado a partir de *Cerrado fechado*, fazendo-lhe contraposição de sentido e nomeando outro aspecto da vegetação.

Têm-se assim os termos Cerrado típico, Cerrado denso ou fechado e Cerrado ralo, todos cobrindo a designação de subdivisões fisionômicas do bioma Cerrado. Nota-se que uma vez que um nome foi criado para designar um objeto no mundo extralinguístico e os fatores que motivaram a sua criação tenham sido esquecidos, perde-se a relação semântica entre a designação, o significado e o sentido decorrente desses. A união tripartite da designação (o objeto no mundo), do significado

(a forma linguística) e do sentido (o conteúdo semântico) confere-lhes uma coexistência de identidade de forma tal que o signo linguístico *Cerrado* ganha uma definição autônoma, como se esse signo só pudesse invocar o objeto no mundo empírico *vegetação típica do centro-oeste brasileiro*. Assim, pode-se fazer uso do termo Cerrado de formas variáveis como Cerrado fechado e Cerrado ralo, pois Cerrado não significa mais apenas a vegetação densa e de difícil acesso que levou a sua nomeação original, recobre também o sentido da vegetação menos densa, mas que conserva outras características fitofisionômicas próprias desse bioma.

Notadamente, diferentemente do que afirmam Ribeiro e Walter (2008), a unidade lexical *Cerrado* se constituiu da forma adjetiva *cerrado*, da língua portuguesa, cujo significado imediato é *fechado*, com sentido metafórico. O termo cerrado, nesse caso, funciona como um especificador da unidade lexical *campo*, como ocorre em *campos-cerrados*. Esse nome viria a simplificar-se em cerrado, porém, mantendo o sentido metafórico que caracteriza o aspecto fitofisionômico de campos-cerrados. Os utentes da língua, na busca de um termo que pudesse descrever e representar as características dessa vegetação, identificaram no vocábulo *cerrado* o sentido que cobriria essa designação. Os traços semânticos do adjetivo *cerrado* e os das características fisionômicas da vegetação se encontraram, como se um implicasse o outro, numa coexistência de sentido em que o termo *cerrado* passou a designar um bioma devido às características fitofisionômicas desse.

Para que um termo seja considerado metafórico é preciso que haja uma coexistência de identidade entre o objeto no mundo (designação), a forma linguística de designação (significado) e o conteúdo semântico destes decorrente (sentido). Isso é autoevidente com a ocorrência da palavra *Cerrado*, que designa um tipo de vegetação. Essa identidade se realiza de tal forma que se torna possível falar de “Cerrado fechado” e “Cerrado ralo” sem que pareça contraditório. Mas outra questão merece ser destacada. Trata-se da passagem de um termo especializado para um uso generalizado (MEILLET, 1905-1906). O falante comum não faz uma análise metalinguística antes de se decidir por nomear um aspecto da vegetação do Cerrado que não é tão espesso de Cerrado aberto ou ralo, pois na consciência do falante comum a coexistência de identidade entre o significado, o objeto de designação e o sentido que ambos reclamam é tamanha que ele nem se pergunta se seria

contraditório ou não nomear um aspecto do Cerrado de Cerrado ralo, pois esse termo é ressignificado através de Cerrado fechado, um dos aspectos do Cerrado.

Conforme Silva (2006, p. 122), é próprio da metáfora um mapeamento de domínios, pois ela “envolve domínios conceituais distintos, como um mapeamento (*mapping*), por uma série de correspondências ontológicas e epistêmicas, da estrutura de um domínio (origem) num outro (alvo), passando a ser entendido em termos daquele”. Nesse sentido, as metáforas se configuram de forma que X é Y, em que X é o domínio-alvo e Y é o domínio-origem. Exemplificando, os utentes do Brasil Central buscaram nomear uma vegetação com um nome que pudesse evidenciar e descrever conceptualmente suas características perceptíveis visualmente. Assim, o domínio-origem – Y – é a forma lexicográfica *cerrado*; a vegetação que está para ser nomeada – X – é o domínio alvo (a designação, o objeto no mundo). Ao ser nomeado como Cerrado, X – o domínio alvo – passa a ser entendido nos termos de Y, – domínio origem. Assim, quando se diz que X é Y equivale a: *vegetação com aspectos cerrados* é igual a *cerrado*. Posto de outro modo, *Cerrado* é *cerrado*. Em outras palavras, Y (*cerrado*, forma adjetiva) projeta seus sentidos em X (vegetação do centro-oeste), que passa a ser entendido nos termos daquele.

“As verdadeiras motivações da mudança semântica”, declara Silva (2006, p. 89), “não as podemos encontrar nas próprias línguas, mas antes nos objetivos pragmáticos dos seus utentes – objetivos naturais de expressividade e de eficiência comunicativas”. A relação isomórfica entre os termos *cerrado* (forma gramatical e forma lexicalizada) se perdeu com o tempo no aparelho conceitual dos utentes da língua, fazendo com que o termo *Cerrado* deixasse de invocar o sentido que motivou a sua criação e passasse a invocar apenas o conceito de vegetação típica do centro-oeste do Brasil. Por outro lado, a forma adjetiva *cerrado* manteve seu sentido original, podendo ser aplicada em contextos que reclamem o sentido de fechado.

## 2.2 Unidade lexical Vereda

O vocábulo Vereda designa um subsistema típico do bioma Cerrado. Conforme Ribeiro e Walter (2008, p. 183), esse subsistema se formou em decorrência do afloramento do lençol freático e exerce papel fundamental no sistema hidrológico

da região do Cerrado. Ele é também fundamental para a “manutenção da fauna do Cerrado, funcionando como local de pouso para a avifauna, atuando como refúgio, abrigo, fonte de alimento e local de reprodução também para a fauna terrestre e aquática”.

Esse subsistema foi primeiramente descrito por Martius (1938), nomeado de *varredas*, em seu texto clássico *Viagem pelo Brasil* (1817-1820). Nesse texto, o autor descreve as características físicas do Cerrado e de seus subsistemas: “Os sertanejos chamam *varredas* a esses campos cobertos. Encontramos aqui uma palmeira flabeliforme, espinhosa, a carimá, (*Mauritia armata*, M.), o maior encanto do solo; e, além daquela aqui mais rara, o nobre buriti (*Mauritia vinifera*, M.)” (MARTIUS, 1938, p. 109-110).

O lexicógrafo Silveira Bueno (1974) define vereda da seguinte maneira:

Caminho, estrada, atalho, azinhaga, picada senda. É um feminino sacado do masculino *veredus*, latim tardio, significando cavalo de posta, isto é, que servia aos mensageiros para levar as mensagens, os avisos, o correio como hoje se diria. O nome da estrada, do caminho, do atalho foi tomado do nome cavalo que os percorria.... O nome *veredus* é de origem celta *voredos*, cavalo (SILVEIRA BUENO, 1974, p. 4227).

Essa descrição é significativa, pois põe em destaque o percurso semântico trilhado pelo termo vereda em sincronias pretéritas, porém escapa a ela o último estágio de mudança pelo qual esse vocábulo passou. Na região nordeste do Brasil, *vereda* é uma “região mais abundante em água na zona da caatinga”; no estado de Goiás, é uma “várzea que margeia um rio”; e em Minas Gerais, dá-se o nome *vereda* à “cabeceira e curso de água orlados de buritis” (FERREIRA, 2004).

O vocábulo vereda compôs o título de uma das mais importantes epopeias da literatura de língua portuguesa, Grande Sertão: Veredas. Nessa obra, João Guimarães Rosa põe em destaque os ambientes hostis dos sertões em oposição ao ambiente acolhedor das veredas. Em correspondência enviada a seu tradutor italiano, Edoardo Bizzarri, datada de 11 de outubro de 1963, Rosa esclarece uma dúvida de Bizzarri relativamente ao vocábulo vereda, já que esse termo lhe era desconhecido. Antes de esclarecer o que são as veredas, Rosa (2003, p. 37) fez uma descrição do



ambiente geográfico do que ele chama de campos gerais, ou gerais simplesmente, que se caracteriza pelas chapadas, “planaltos, amplas elevações de terreno, chatas, às vezes serras mais ou menos tabulares”, e chapadões, “grandes, imensas chapadas, às vezes séries de chapadas”. Relativamente à vegetação, Rosa destaca as características do Cerrado e das Veredas:

A vegetação é a do cerrado: arvorezinhas tortas, baixas, enfezadas (só persistem porque teem longuíssimas raízes verticais, pivotantes, que mergulham a incríveis profundidades). E o capim, ali, é áspero, de péssima qualidade, que, no reverdecer, no tempo – das – águas, cresce incrustado na areia, de partículas de sílica, como se fosse vidro moído: e adoece por isso, perigosamente, o gado que o come. Árvores, arbustos e má relva, são, nas chapadas, de um verde comum, feio, monótono. Mas, por entre as chapadas, separando-as (ou, às vezes, mesmo no alto em depressões no meio das chapadas) há as veredas. São vales no chão argiloso ou turfo-argiloso, onde aflora a água absorvida. Nas veredas, há sempre o buriti. De longe, a gente avista os buritis, e já sabe: lá se encontra água. A vereda é um oásis. Em relação às chapadas, elas são, as veredas, de belo verde-claro, aprazível, macio. O capim é verdinho claro, bom. As veredas são férteis. Cheias de animais, de pássaros... Nas veredas há às vezes grandes matas, comuns. Mas, o centro, o íntimo vivinho e colorido da vereda, é sempre ornado de buritis, buritiranas, safarrás e pindaíbas à beira da água. As veredas são sempre belas! (ROSA, 2003, p. 37).

Evidentemente, a unidade lexical vereda possui uma história singular que pode ser contada através dos desenvolvimentos de suas formas e sentidos no decorrer de vários séculos. No Brasil, como visto, ela ajudou a contar uma das mais importantes histórias da literatura nacional, e isso ocorreu porque ela emprestou sua designação a um ambiente fundamental para os habitantes dos sertões brasileiros. De sua existência depende a sobrevivência não só de humanos que por ali habitam, mas também espécies animais e vegetais que nele encontram refúgio.

Mas como ocorreu o processo de mudança de sentido de um vocábulo que originalmente designava *cavalo a serviço de correios*, passando por outro percurso de sentido quando passa a designar *caminho* e, finalmente, vindo a designar um tipo de *vegetação*? Como visto, o vocábulo latino *veredus*, cavalo de posta, designava cavalos que se ocupavam do serviço de entrega de correspondências. O termo *posta* designava o “posto de parada outrora situado nas estradas, de espaço a espaço, onde

se efetuava a muda dos cavalos das diligências e outros veículos, ou do serviço de correio” (FERREIRA, 2004), donde origina o termo *postal*. Em sincronias futuras, o termo *veredus* derivou-se por metonímia para nomear o caminho percorrido pelos cavalos de posta, dando origem ao termo *vereda*.

Ocorre, nesse caso, não uma *coexistência* de identidade entre *veredus* e *vereda*, evidentemente, que eram termos distintos um do outro, mas uma *contiguidade* de sentido, como se o termo *vereda* pudesse invocar o personagem que define e especifica os contornos de sua significação, o *veredus*. Assim, *vereda* iria originalmente designar a rota por onde o *veredus* passava. Indubitavelmente, há na instanciação desse sentido da palavra um processo de transferência sêmica de *veredus* (agente especificador) para *vereda* (objeto especificado), mas os dois elementos mantêm suas identidades individuais, da mesma forma que os vocábulos *trem* e *trilho* mantêm-se termos independentes, embora um necessariamente invoque a existência do outro. Essa contiguidade de sentido permite que se tome, numa relação metonímica, o lugar/objeto pelo personagem/agente que o especifica/define.

Os vocábulos *cerrado* e *vereda* têm suas histórias individuais e percursos constitutivos de sentidos singulares. É interessante observar a forma como o termo *vereda*, que dizia respeito somente à singularidade de uma rota percorrida por cavalos de correios, generaliza-se para incluir o sentido de qualquer rota; e, num percurso inverso, especializa-se para se referir à singularidade de um tipo de vegetação ou formação arbórea (generalização e especialização exercem função complementar no processo de mudança semântica). O termo *vereda* é amplamente conhecido com o sentido de *caminho estreito*. Uma consulta a qualquer dicionário do português brasileiro lança luz sobre essa questão. É autoevidente, então, que na atualidade (há registro desse termo para designar formação arbórea que remonta ao início do século XIX) o significado desse termo perdeu contato com seu étimo latino. O falante do século XXI pode nem mesmo conhecer a história dessa constituição vocabular, muito menos que possuía um sentido tão específico.

Notadamente, à medida que o *veredus*, como principal meio de transporte de correspondências, foi se tornando obsoleto, abrindo espaço para outros meios de transportes, a designação *vereda* (realidade extralinguística) foi se distanciando do sentido que motivou sua nomeação. *Vereda* já não era mais uma rota percorrida

apenas por *veredus*, mas por outros meios de transportes também. Uma vez que o termo já estava bem estabelecido entre os falantes (quando o processo de generalização se completou), o surgimento de um novo meio de transporte não implicava na criação de um novo vocábulo para significar o caminho que ele iria percorrer. Aliás, os falantes poderiam nem mais saber que a significado *vereda* implicava no significado *veredus*, que o motivou. É como se o vocábulo *vereda* estivesse desde sempre ali, significando caminho.

Evidentemente, o termo *vereda* percorreu uma longa jornada e chegou ao século XIX significando caminho e é investido desse sentido que poderá esclarecer o novo sentido de que ele se revestiu: o de subsistema do Cerrado. Notadamente, essa unidade lexical foi alargando sua especificidade e ampliando o seu sentido por metáfora: aqui, é preciso realçar a relação de sentido que há entre um curso de água e a rota que ele constrói pelo espaço geográfico. Às margens do caminho construído pela força da água crescem formações arbóreas por causa do terreno úmido. Trata-se aqui de uma reanálise do termo *vereda*, que ganha um novo sentido, mas que mantém uma intersecção metafórica com o sentido anterior, o de caminho, rota.

Guimarães Rosa (2003) expressa preocupação com a origem do vocábulo *vereda* como designação de subsistema do Cerrado que representa importante ambiente de sua obra: “Em geral, as estradas, na região, preferem ou precisam de ir, por motivos óbvios, contornando as chapadas, pelos resfriados, de *vereda* em *vereda*. (Aí, talvez, a etimologia da designação: *vereda*.)” (ROSA, 2003, p. 38). Claramente, esse termo se destaca pelo elevado grau polissêmico que possui, mas não escapa a uma análise que coloca em evidência sua história individual de constituição e desenvolvimento de sentidos. Nota-se, assim, que o uso de termos já existentes na língua revestidos de significados novos evidencia a forte motivação metafórica e metonímica que opera no processo de nomeação dos objetos do mundo extralinguístico.

## Conclusão

Este estudo colocou em evidência o processo de instanciação do sentido e das subsequentes mudanças semânticas pelas quais passaram as unidades lexicais *cerrado* e *vereda*, formas que designam na sincronia atual o bioma Cerrado e o subsistema

desse bioma, Vereda. Mostrou também que o sentido que envolve uma palavra em uma sincronia atual de uma comunidade linguística causa a ilusão de que ela sempre esteve ali, significando e descrevendo o objeto de designação. Assim, estudar a história de uma palavra é perceber tanto a singularidade de sua constituição morfo-fonológica e semântica quanto a sua relação com o objeto que nomeia. A compreensão do funcionamento desses processos se apresenta num primeiro momento como um intrigado quebra-cabeça, cujas peças vão aos poucos se revelando, evidenciando a lógica interna da criação lexical, bem como suas motivações semânticas no processo de nomeação de um objeto no mundo e subseqüentes mudanças de sentido.

William W. Whitney (1867) dizia que pelo fato de a língua ser uma criação humana, nada haveria de interno ao seu sistema que pudesse conservar a identidade das palavras. Uma palavra não representaria assim um reflexo natural de uma ideia, mas apenas sua designação, um signo arbitrário e convencional com o qual se aprende associá-la. Por ser o signo linguístico uma designação arbitrária, falta-lhe força interna que conserve sua identidade. Isso faz com que ele fique exposto a toda sorte de mudanças. Uma vez que uma unidade lexical passa ao domínio do tempo, esse se torna o seu principal indicador de estabilidade e de mudança.

Logo, é observando as palavras localizadas no tempo que se pode perceber a instanciação e a implementação de determinadas mudanças semânticas, como as que foram evidenciadas neste estudo. Assinala-se, finalmente, que nesse processo de criação ou de mudanças de sentidos pelo qual passam as palavras, a cognição humana desempenha o papel não só de acatar essa nova criação ou mudança, mas de categorizá-la a partir dos sentidos já disponíveis na língua. Longe de pretender esgotar a análise dessas unidades lexicais, este estudo quis colocar em discussão o tema da mudança semântica e destacar que a metáfora e a metonímia, juntamente com a especialização e a generalização, concorrem fundamentalmente para ela.

## Referências

BARBOSA, A. S. O Cerrado está extinto e isso leva ao fim dos rios e dos reservatórios de água. In: *Jornal Opção*. Disponível em: <http://www.jornalopcao.com.br/>

MARRA, D. Cerrado e Vereda: designação, sentido e mudança semântica

entrevistas/o-cerrado-esta-extinto-e-isso-leva-ao-fim-dos-rios-e-dos-reservatorios-de-a-gua-16970/. Acesso em: 15 out. 2018.

Chomsky, N. *Aspects of the theory of syntax*. Massachusetts: MIT Press, 1965.

Coseriu, E. Determinación y entorno. Dos problemas de una lingüística del hablar. *Romanistische Jahrbuch*, v. 7, p. 24-54, 1955-1956.

\_\_\_\_\_. Linguistic competence: what is it really? *The Modern Language Review*, v. 80, n. 4, p. xxv-xxxv, 1985.

\_\_\_\_\_. *Competencia lingüística: elementos de la teoría del hablar*. Madrid: Editorial Gredos, 1992.

Cunha, A. G. *Dicionário etimológico da língua portuguesa*. 4ª ed. revista e atualizada. Rio de Janeiro: Lexikon, 2013.

Dubois, J. et al. *Dicionário de Linguística*. São Paulo: Cultrix, 2004.

Ferreira, A. B. O. *Novo Dicionário Aurélio da Língua Portuguesa*. Curitiba: Positivo, 2004.

Fiorin, J. L. *Figuras de retórica*. São Paulo: Contexto, 2014.

Frege, G. Sobre o Sentido e a Referência. In: Alcoforado, P. (Org. e Trad.). *Lógica e Filosofia da Linguagem*. São Paulo: Cultrix/Edusp, 1978[1892].

Guirraud, P. *A semântica*. Trad. Maria Elisa Mascarenhas. São Paulo: Difusão Europeia do Livro, 1972.

JAKOBSON, R. Two aspects of language and two types of aphasic disturbances. In: JAKOBSON, R.; HALLE, M. *Fundamentals of language*. Den Hauge, Paris: Mouton de Gruyter, 93-122, 1956.

Lakoff, G. *Women, fire, and dangerous things: what categories reveal about the mind*. Chicago: University of Chicago Press, 1987.

Lakoff, G.; Johnson, M. *Metaphors we live by*. Chicago: University of Chicago Press, 1980.

Lakoff, G.; Turner, M. *More than cool reason: A field guide to poetic metaphor*. Chicago: University of Chicago Press, 1989.

Löfgren, A. *Ensaio para uma distribuição dos vegetais nos diversos grupos florísticos no Estado de São Paulo*. São Paulo: [s.n.]: p. 5-47, 1896.

Marra, D.; Milani, S. E. Reflexões acerca da noção de língua como uma instituição social em William D. Whitney. *Cadernos do IL*, nº 46, p. 129-147, 2013.

Martius, C. F. P. *Viagem pelo Brasil 1817 – 1820*. V. II. Trad. Lúcia F. Lahmeyer. São Paulo: Edições Melhoramentos, 1938.

\_\_\_\_\_. *A fisionomia do reino vegetal do Brasil*. Trad. E. Niemeyer e C. Stellfeld. Curitiba: Arquivos do Museu Paranaense, nº 3, p. 239-271, 1943[1824].

Meillet, A. Comment le Mots Chagent de Sens. In: Meillet, A. *Linguistique Historique et Linguistique Générale*. Paris: Librairie Ancienne Honoré Champion, p. 230-271, 1905-1906.

Platão. *Diálogos: Teeteto – Crátilo*. Trad. Carlos Alberto Nunes. Belém: Universidade Federal do Pará, 1973.

Ribeiro, J. F.; Walter, B. M. T. As principais fitofisionomias do Bioma Cerrado. In: SANO, S. *et al.* (Eds.). *Cerrado*. Ecologia e Flora. Brasília: Embrapa Cerrados, 2008. p. 151-212.

Rio-Torto, G. Desafios em morfologia. História e (re)conhecimento. In: VIARO, M. E. (Org.). *Morfologia Histórica*. São Paulo: Cortez, 2014. p. 31-57.

ROSA, J. G. *João Guimarães Rosa*. Correspondência com seu Tradutor Italiano Edoardo Bizzarri. Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 2003.

Roth, W. A Semântica Histórica: um campo abandonado da Linguística? *Filologia e Linguística Portuguesa*, nº 2, p. 61-79, 1998.

ROUDET, L. Sur la classification psychologique des changements sémantiques. *Journal de Psychologie*, nº 18, 676-692, 1921.

Saussure, F. *Curso de linguística geral*. São Paulo: Cultrix, 2006.

Silva, A. S. *A semântica do verbo deixar*. Uma contribuição para a abordagem cognitiva em semântica lexical. Lisboa: Fundação Calouste Gulbenkian e fundação para a ciência e tecnologia, 1999.

\_\_\_\_\_. *O mundo dos sentidos em português: polissemia, semântica e cognição*. Coimbra: Almedina, 2006.

Silveira Bueno, F. *Grande dicionário etimológico-prosódico da língua portuguesa*. v. 8. Santos: Ed. Brasília, 1974.

Trask, R. L. *Dicionário de Linguagem e Linguística*. Trad. Rodolfo Ilari. São Paulo: Contexto, 2011.

ULLMANN, S. *The Principles of Semantics*. Oxford: Blackwell, 1951.

\_\_\_\_\_. *Semantics*. An introduction to the Science of Meaning. Oxford: Blackwell, 1962.

VIARO, M. E. *Etimologia*. São Paulo: Contexto, 2011.

VIARO, M. E.; Ferreira, M. Guimarães-Filho, Z. Derivação ou terminação: limites para a semântica, lexicologia e morfologia históricas. In: VIARO, M. E. (Org.). *Morfologia Histórica*. São Paulo: Cortez, 2014. p. 58-105.

Villalva, A.; Silvestre, J. P. *Introdução ao estudo do léxico*. Descrição e análise do português. Petrópolis: Vozes, 2014.

Warning, E. *Lagoa Santa*. A vegetação de cerrados brasileiros. São Paulo: EDUSP e Belo Horizonte: Itatiaia, 1973[1892].

Whitney, W. D. *Language and the Study of Language*. Twelve Lectures on the Principles of Linguistic Science. London: N. Trubnek&Co., Ludgate Hill, 1884[1867].

Recebido: 20/10/2019.

Aprovado: 31/01/2020.